

CONFIGURAÇÕES DO FANTÁSTICO E DO DUPLO EM *ELZA E HELENA*, DE GASTÃO CRULS

THAIS REGINA GIMENES CHAGAS*

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Programa de Pós-Graduação em Letras, Curitiba, PR, Brasil.

Recebido em: 6 maio 2025. Aceito em: 5 fev. 2026.

Como citar este artigo: CHAGAS, T. R. G. Configurações do fantástico e do duplo em *Elza e Helena*, de Gastão Cruls. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 26, n. 1, p. 42-59, jan./abr. 2026. DOI: 10.5935/cadernosletras.v26n1p42-59

Resumo

O tema do duplo é um elemento recorrente na literatura fantástica. Ele explora a ideia de um “outro eu”, que pode ser um gêmeo, um sócia ou até mesmo uma manifestação sobrenatural da personalidade do protagonista, que provoca reações emocionais imprevisíveis, pautadas no medo de ver a sua personalidade usurpada, de não se reconhecer como um ser autêntico e independente, capaz de assumir todo o controle sobre si mesmo. Diante disso, analisamos como o tema do duplo, presente nas personagens e situações, desempenha um papel significativo na construção da narrativa, que se entrelaça com o misterioso, em diferentes contextos do romance *Elza e Helena*, de Gastão Cruls (1949).

* E-mail: thais.chagas@unespar.edu.br
 <https://orcid.org/0009-0001-0719-8932>

Palavras-chave

Fantástico. Duplo. Romance.

INTRODUÇÃO

A literatura fantástica do século XIX estava intimamente associada ao sobrenatural e ao movimento romântico, explorando temas como o amor, a loucura, a sexualidade, as superstições e os mitos. Durante esse período, houve um interesse crescente pelo sobrenatural e pelo inexplicável, o que se refletiu na literatura da época. Os autores de literatura fantástica utilizam frequentemente elementos sobrenaturais e extraordinários para questionar a relação entre a realidade e as suas representações, bem como entre o pensamento e a consciência.

No Brasil, autores como Murilo Rubião e José J. Veiga são reconhecidos por suas contribuições à literatura fantástica, na qual exploram o absurdo, o extraordinário e o sobrenatural em suas obras. A literatura fantástica, portanto, é um veículo importante para expressar pensamentos e emoções que transcendem a realidade cotidiana, permitindo uma exploração mais profunda da psique humana e de suas inquietações.

O tema do duplo é um elemento recorrente na literatura fantástica. Ele explora a ideia de um “outro eu”, que pode ser um gêmeo, um sócia ou até mesmo uma manifestação sobrenatural da personalidade do protagonista. Edgar Allan Poe, E. T. A. Hoffmann, Dostoiévski e Borges são conhecidos por suas obras que abordam o duplo. Na literatura fantástica, o duplo frequentemente está associado às questões de identidade e à hesitação entre o natural e o sobrenatural.

Não é de hoje que a temática do duplo tem sido fonte de inspiração para diversos escritores e objeto de deleite de inúmeros leitores. Todo esse material histórico-cultural testemunha o eterno problema do homem que, marcado por um profundo sentimento de incompletude, busca na figura do outro a possibilidade de se preencher.

O tema do duplo tem reaparecido de modo persistente nos textos literários. As incontáveis transformações que sofreu no decorrer dos tempos estão relacionadas às diversas culturas e aos distintos períodos históricos em que

apareceu, bem como à criatividade dos escritores que enveredaram por seus mistérios – dando origem a manifestações textuais bastante particulares. Constatou-se que o tema tem se manifestado, de forma um tanto quanto recorrente, nos seguintes motivos: a sombra, o reflexo na água ou no espelho, a imagem captada pelo(a) quadro/retrato/fotografia, sócias e irmãos (gêmeos ou não). Vale ressaltar que cada um desses tipos de duplo nos diz muito sobre a interioridade do indivíduo e sobre a simbologia coletiva, e pode apresentar variadas faces, exemplificando a flexibilidade do tema.

Diante disso, a escolha de Gastão Cruls e sua obra como matéria de estudo justifica-se pela predileção de Cruls pela temática do duplo, presente em *Elza e Helena* (1949), em que o enredo é estruturado ao redor da questão da dupla personalidade, mostrando as complicadas situações criadas por uma mulher de vida dupla.

Além dessa obra, o autor voltaria a lidar com o tema no romance *A criação e o criador* e no conto “Meu sócia” (1938). Esse jogo de *alter egos* continuou presente em *Amazônia misteriosa*. Apesar de estar inserido no mesmo momento histórico-cultural de outros nomes do Modernismo, como Érico Veríssimo, Raquel de Queirós e Graciliano Ramos, Gastão Cruls deixou entrever em seu primeiro romance que não se apegaria às inovações e preocupações do movimento.

Assim, cumpre-nos, como estudiosos do texto literário, averiguar como o duplo, que é um elemento recorrente na literatura fantástica, explora a ideia de um “outro eu”, que pode ser um gêmeo, um sócia ou até mesmo uma manifestação sobrenatural da personalidade do/da protagonista. Diante disso, analisamos como o duplo desempenha um papel significativo na construção da personalidade das personagens Elza/Helena em diferentes contextos do romance e que, muitas vezes, não se manifesta apenas na existência do duplo, mas na maneira como as personagens lidam com essa presença.

ASPECTOS DO FANTÁSTICO E DO DUPLO NO ROMANCE DE GASTÃO CRULS

Muitos são os temas do fantástico, e um dos mais recorrentes é o tema do duplo, que provoca reações emocionais imprevisíveis, pautadas no medo de ver a sua personalidade usurpada, de não se reconhecer como um ser autêntico e independente, capaz de assumir todo o controle sobre si mesmo.

Ao trazer exemplos acerca das possibilidades de identificação do duplo, seja em categorias de estudo psicanalítico ou literário, Sigmund Freud (2010, p. 351) considera que a natureza do duplo era originalmente uma garantia de sobrevivência e depois passou a representar um inquietante mensageiro da morte, uma consciência que persegue e atormenta o homem.

Assim, o estranhamento provocado pelo duplo o configura como um dos temas do fantástico na literatura, em que é inevitável a diferença entre o “eu” e o *outro*, que é estranho ao contexto, que gera um confronto, e é no confronto que surge o reconhecimento de que o outro é seu duplo. O fascínio que o duplo suscita não é motivo de tranquilidade para o sujeito referencial, ao contrário, provoca-lhe reações emocionais extremas, em geral pautadas no medo do outro, no estranhamento inevitável e na angústia de ver sua personalidade usurpada.

O sobrenatural impresso nos textos em que o duplo aparece como elemento principal facilita a sua associação imediata com o fantástico. Dessa forma, o duplo representa um confronto inesperado com um outro no qual o indivíduo se vê duplicado, e essa duplicação é capaz de imprimir no sujeito original a sensação de que ele existe em um outro ponto no espaço, de uma forma que não pode controlar, sendo passível de representação pelo outro de si mesmo a qualquer momento, em qualquer lugar.

Dessa forma, o duplo está no campo da literatura fantástica, que é definida por Todorov (2004) como a produção de um acontecimento aparentemente sobrenatural e estranho, que não pode ser explicado pelas leis de nosso mundo familiar. Em outras palavras, a hesitação entre uma explicação racional e uma sobrenatural é uma característica central da literatura fantástica.

A partir disso, vê-se que o sobrenatural, conquanto seja elemento importante, não constitui, por si só, condição única à instauração do fantástico, pois este interessa à literatura fantástica unicamente quando é capaz de despertar no leitor sentimentos ambíguos e desconfortantes, como o medo e o terror, levando-o à dúvida e à hesitação.

Se a literatura fantástica lida essencialmente com acontecimentos inquietantes para o ser humano, que provocam sentimentos de terror e medo, os fenômenos sobrenaturais que povoam as páginas da literatura fantástica no século XIX encontram menos espaço nos escritos dos séculos XX e XXI. Assim, a literatura fantástica contemporânea busca lidar prioritariamente com os novos “medos” da sociedade atual, e é nesse contexto que serão recorrentes

no fantástico, especialmente no contexto da literatura brasileira, temas existenciais, de denúncia social e que representam a condição humana degradada imersa numa sociedade moderna opressora.

Diante dessas características e configurações essenciais da literatura fantástica, é preciso justificar essa imbricação do duplo nesse gênero, das quais a tensão entre o real e o sobrenatural é comum ao duplo e ao fantástico no embate entre a personagem original e seu duplo, e ambos atuam, dentro de suas especificidades, como uma ruptura da ordem natural e racional (representado, no fantástico, pela irrupção do insólito e, no duplo, pelo desdobramento da personagem – inexplicável do ponto de vista científico).

A problemática do duplo é um tema que possui um longo percurso histórico e cultural. Na mitologia, a presença de gêmeos sempre provocou curiosidade e medo pela existência de dois seres completamente iguais na aparência física, sendo os irmãos gêmeos, Dióscoros (Castor e Pólux), os mais famosos. Além desse mito, existem outros exemplos de casos de gêmeos em fábulas e histórias contadas ao longo dos tempos. Na Bíblia, por exemplo, há a passagem dos irmãos Esaú e Jacó, filhos de Isaque e Rebeca, e Caim e Abel.

Em relação às figurações do duplo na literatura, Bravo (2000) explica que uma das primeiras designações do duplo em um texto literário é o *alter ego*. E é nas comédias escritas por Plauto que surgem os *Menecmos*, que chocam pela semelhança de um em relação ao outro, provocando dúvida e engano. Até o século XVI tem-se a permanência do mito literário do duplo, que representa o homogêneo, o igual.

De acordo ainda com Bravo (2000, p. 263), “a semelhança física entre duas criaturas é usada para efeitos de substituição, de usurpação de identidade, o sócio, o gêmeo é confundido com o herói e vice-versa, cada um com sua identidade própria”. Entretanto, com as ideias iluministas e o homem como o centro do mundo, o duplo também é transformado, tem-se uma representação heterogênea, “uma divisão do eu chegando à quebra da unidade (século XIX) e permitindo até mesmo um fracionamento ao infinito (século XX)” (Bravo, 2000, p. 264).

Apesar das divisões entre o duplo, alguns aspectos permanecem comuns entre o homogêneo e o heterogêneo, entre eles, a procura pela identidade.

O primeiro estudioso a se debruçar sobre a temática do duplo para elaborar um estudo sistemático e específico foi o psicanalista Otto Rank. Sua obra *O duplo* foi publicada em 1914 e, desde então, obteve uma repercussão muito

grande e foi traduzida para várias línguas. A temática do duplo representa a constante busca do ser humano por compreender a si próprio e se refere, quase sempre, à questão: “quem sou eu?”.

A filosofia trata da ideia da duplicidade do sujeito ao afirmar que tudo o que percebemos resulta de um desdobramento de um universo invisível, sendo a realidade imediata apenas uma representação imperfeita dessa essência oculta. Na religião, a noção do duplo está presente na crença da existência de uma alma que sobrevive à morte do corpo, a qual é concebida pelas tradições religiosas em geral. Na literatura, o duplo pode apresentar-se sob diversas formas, seja pela sombra, que acompanha o indivíduo, mas não faz parte dele; por meio do retrato, o fragmento de uma imagem exterior ao ser humano, sendo ele próprio; pela imagem refletida no espelho, em que o duplo passa a habitar o mesmo “espaço do homem”; pelo sono, em que o “Eu, sob outra forma, prossegue a obra de existência” (Mello, 2000, p. 118)

A representação mais antiga/clássica da imagem desdobrada do sujeito é a duplicação gêmea: os irmãos gêmeos. A ideia do duplo, portanto, atrela-se primordialmente à imagem, à imagem duplicada, à imagem especular. Para Mello (2007, p. 229), “toda a antítese, toda a cisão, toda fusão, todo o fenômeno especular inscrevem-se no duplo, o qual está na origem de tudo, já que o próprio Deus, consciência absoluta, cria o mundo para nele se refletir”.

Posto isso, em *Elza e Helena* temos um jogo de duplicidades das personagens que discute a relação entre o eu e o outro e as tensões decorrentes do contato com a alteridade, que nos conduzem por um terreno literário repleto de tensão entre o trágico e o misterioso, criando uma atmosfera densa e intrigante na obra, explorando os aspectos da psique humana. A presença da duplicidade e do trágico tornam, assim, essa obra uma leitura fascinante e perturbadora.

Nessa obra, temos duas personagens, Elza e Helena, de personalidades completamente diferentes, como na descrição do narrador-personagem Alexandre:

Uma das coisas mais curiosas em Elza era a versatilidade do seu temperamento, em que pareciam existir duas criaturas, tão desconcertantes e variáveis eram as suas atitudes, maneiras de sentir e de pensar e, até, os menores gestos e as mais leves expressões fisionômicas. Dir-se-ia que, por vezes, à mulher caprichosa e sedutora, se substituíam a antiga e ingênua colegial, ainda cheia de timidez e angelitude sem par (Cruls, 1949, p. 16).

No entanto, o leitor é surpreendido quando descobre que Elza e Helena são, na verdade, a mesma pessoa. Essa dualidade e o jogo entre realidade e fantasia são características marcantes da escrita de Gastão Cruls.

No prefácio, temos o relato de um psiquiatra sobre a história de um jovem culto, inteligente e de boa família, que enlouqueceu e foi parar em um manicômio por ter assassinado a mulher, morta em circunstâncias misteriosas, utilizando-se de uma boneca em um ritual de *voult*, que consistia em perfurações produzidas na boneca que produziam lesões no corpo da mulher visada. Essa boneca foi produzida por Elza, que lhe dera o nome de melindrosa, “a boneca ficara uma *Elzazinha* muito bem apessoada e parecida com o modelo” (Cruls, 1949, p. 162). A partir daí, Gastão Cruls descreve a trama construída como um acontecimento preparado por Helena e executado por Alexandre, que conta os acontecimentos a partir da perspectiva de um narrador autodiegético.

A trama inicia-se com a descrição das primeiras impressões de Alexandre sobre Elza, que lhe fora apresentada por seu irmão, Mário. Em pouco menos de dois meses, eles ficaram noivos. Mas logo ele percebe algumas mudanças no comportamento de Elza:

A Elza, aquela Elza que eu conhecera a me seduzir, nervosa, ágil, inquietante, criatura cheia de alegria e vivacidade, com a inteligência alerta e mordaz, as maneiras comunicativas e o riso sempre pronto, amiúde fechava-se em si mesma e, de ânimo detrativo e gestos serenos, apresentava-se totalmente diversa. E diversa até no mais íntimo dalma, pois que lhe notava inexplicáveis abstrações e alheamentos com relação à sua vida passada (Cruls, 1949, p. 24).

O ciúme e as incertezas dominam o espírito de Alexandre, que desconfia até da relação de Elza com o irmão dele, que a conhecera primeiro em uma viagem à Europa,

[...] nessas e noutras insinuações, escutadas a primeiro desatentamente, mas que terminaram por calar no meu espírito, quando mais não fosse com o intuito de evitá-las, fortificou-se, talvez, o meu ciúme, esse ciúme que me acabrunhava e ao qual Elza acabava de se referir (Cruls, 1949, p. 27).

Regressando da lua de mel, foram morar na Tijuca, afastados da cidade e da família, que não concordara com o casamento de Alexandre, pelo fato de Elza ter maneiras e costumes europeus, uma vez que perdera muito cedo os pais e fora educada na Europa pela tia Mariana, que se encarregou dos

cuidados e da educação dela. Nesse tempo, Elza gozava de plena saúde, uma vez que tinha a saúde frágil, segundo dona Mariana, e por vezes era acometida de uma gripe que a deixava nervosa e inquieta: “toda vez que tem qualquer doença mais séria e se enfraquece, fica outra criatura, muito mais irrequieta e agitada” (Cruls, 1949, p. 27).

Embora Elza estivesse fisicamente bem, Alexandre a percebera menos comunicativa, mais retraída e sentia falta da outra que o fascinara na primeira impressão:

Mas quanto eu preferia a outra Elza, a Elza voluntariosa e fantasista, que frequentemente discordava de mim só pelo gosto de discordar, e para tudo tinha uma resposta, e sorria de tudo e brincava com todas as ideias, sempre independente, caprichosa, desnorteante! (Cruls, 1949, p. 24).

Nesse caso, percebemos a ambiguidade de Alexandre diante do desejo de um corpo que supostamente pertence a Elza, mas é habitado por Helena, que se impõe com um ânimo que a outra não tem.

Alexandre percebera a mudança no comportamento de Elza, e a alegria do início do casamento logo cedeu à amargura e às incertezas do episódio da viagem a São Paulo, em que Elza ficara quatro dias fora de casa sem dar notícias, mas, segundo dona Mariana, isso acontecera também na Europa, devido a uma doença inexplicada.

Esse acontecimento despertou o ciúme de Alexandre, uma vez que Elza não sabia explicar o que aconteceu nesse período em que esteve fora de casa, tampouco onde arrumou dinheiro para comprar roupas e pagar o hotel em que se hospedara em São Paulo:

Não sei, mas às vezes chego a pensar que isso já vem de muito longe. Ainda ontem, ligando os fatos, lembrei-me de uma porção de cousas, e fiquei quase certa que essa outra, que fui em S. Paulo, já estava dentro de mim havia muito tempo (Cruls, 1949, p. 79).

Nesse episódio, Elza percebe a manifestação do seu duplo, como ressalta Guiomar (1967, p. 413).

O Duplo assim promovido à existência é evidentemente dotado de uma vida interior própria. É fácil constatar através de inúmeros exemplos, como fez Otto Rank, que seu comportamento, suas intenções, sua vida psíquica estão na maioria das vezes em contradição com os do testemunho dissociado.

Após as tentativas de Alexandre, Elza lembrara que a chamavam de Helena Davidson, e, quando recuperou a memória, o dr. Assis a ajudou a retornar para casa. Nesse intervalo, Elza recordou que havia feito uma injeção de sedol, medicamento para tratar dor de cabeça, horas antes de sair de casa, e que, a partir daquele momento, tinha deixado de viver, tão completo havia sido o seu esquecimento.

Mário, então, parte para São Paulo a fim de coletar informações do que acontecera com Elza. Conversara com o dr. Assis, que lhe relatou que conversara com Helena, uma criatura de temperamento e maneiras diversos de Elza. Depois de ouvir as palavras do dr. Assis, Mário chega à conclusão de que Elza havia sido acometida de uma perturbação mental e precisava de um especialista, e aconselha Alexandre a não investigar mais sobre o assunto.

O silêncio de Mário deixa Alexandre com a certeza de que escondia alguma coisa e fazia as hipóteses mais sombrias sobre o comportamento de Elza nos dias de sua ausência de casa, mas seguiu o conselho de seu irmão e levou Elza a um especialista, que afirmou que ela foi acometida de astenia nervosa e que o episódio de desdobramento de personalidade poderia ocorrer novamente.

Elza, então, lembrou o episódio dos pássaros em que ela desatinadamente soltou todos os pássaros da gaiola:

[...] olhe, você talvez, não acredite, mas naquela tarde, em que soltei os pássaros, já não devia estar no meu natural. Bem que eu sabia o mal que lhe ia causar, fazendo aquela ameaça, mas a frase foi dita quase sem querer e como se outra pessoa falasse por mim. É que já era a outra, que me levou a S. Paulo. E me fez praticar todas aquelas loucuras (Cruls, 1949, p. 80).

Mais uma vez, Elza sente a manifestação da outra, do seu duplo no estado alterado de consciência, associado ao processo de despersonalização e desdobramento da outra que transpõe a realidade e faz emergir a sua personalidade. Guiomar (1967, p. 414) nos mostra que tais duplos surgem nas obras

[...] às vezes quando problemas inconscientes e reprimidos retornam; eles são a cristalização, fora do inconsciente conflitante, de possíveis seres virtuais. Eles surgem em momentos de desordem, incerteza, remorso em apaziguar, justificativa para trazer para si mesmo... em uma palavra, em climas crepusculares. Mais uma razão para pensar que eles surgirão nessas fases exacerbadas do Crepúsculo que é a Agonia.

Como o médico recomendou que tivessem uma vida calma e tranquila para que o episódio de São Paulo não se repetisse, instalaram-se na Fazenda da Esperança, um velho casarão de aspecto triste, escuro, isolado e afastado do Rio. Elza, apavorada que o episódio pudesse ocorrer novamente, apegava-se à religiosidade e à proteção divina.

A chegada de Mário encheu a vida do casal de atividades no campo, como natações, excursões a cavalo etc. Mas eis que Alexandre percebeu Mário preocupado em uma noite anterior ao seu desaparecimento, e, ao perceber que Mário desaparecera, logo deu ordens aos empregados para que percorressem as cercanias da fazenda a sua procura. Como nada encontraram, a angústia tomou conta de Elza, que pressentira que algo ruim havia acontecido. Nesse momento, Elza sente a presença de Helena como uma ameaça, uma sombra, que a persegue:

Não... Eu não queria dizer... É que desde de manhã, tenho a sensação de que sou acompanhada por alguém, uma espécie de sombra que não me deixa. Ainda agora, descendo do barco, tive a impressão nítida de que ela estava juntinho de mim e me ameaçava com a sua mão direita muito aberta, como se me quisesse agarrar pelo pescoço. Houve mesmo um instante em que cheguei a pensar que os seus dedos gelados me tocavam a nuca (Cruls, 1949, p. 101).

Alexandre, por sua vez, suspeitou e foi até o quarto de Mário a fim de certificar-se de que ele havia levado o revólver ou não, pois ele tinha o hábito de caçar. Ao procurar em seus objetos e sob o colchão, encontrou a sua carteira debaixo do travesseiro e dentro dela um envelope branco com a seguinte indicação: “Para Alexandre. Reservado”. No bilhete, revelava a morte voluntária de Mário, por ter se envolvido com Elza/Helena, e pedia que Alexandre não revelasse a verdade a Elza. Mário comete suicídio depois de ter se envolvido com a esposa de seu irmão, pois esse amor interdito não poderia prosperar sem causar a desgraça de Alexandre.

Diante disso, Alexandre se vê incitado a conhecer essa criatura que levou Mário ao suicídio só porque a viu duas vezes e não pudesse vê-la mais. O desaparecimento de Mário da trama, de uma forma misteriosa, deflagra em Alexandre uma crise de ciúmes acrescida do desejo de conhecer Helena. Decidido a conhecer Helena, ele resolve não dormir naquela noite e observar os movimentos de Elza para surpreendê-la. Ele percebera que Elza se levantara cautelosamente e seguira para o quarto de Mário, revirando as gavetas, os livros, os

papéis, pegando a sua carteira de identidade, chorando e beijando seu retrato inúmeras vezes.

Na manhã seguinte, o oratório apareceu novamente revirado, como no episódio anterior. No entanto, Elza persistia na ideia da casa mal-assombrada, não querendo acreditar que ela teria feito isso, já que apenas ela tinha a chave do oratório. Nesse momento, Elza se deu conta da existência de Helena e contou a Alexandre que a viu pela primeira vez, assumindo suas feições no espelho, e a obrigou a escrever um bilhete dizendo que a deixasse viver:

A princípio, eu ainda pensei que fosse qualquer efeito de luz ou de posição e, por isso, levantei-me e fui mais perto do espelho. Mas a mudança era mesmo minha e a outra olhava-me sempre com o mesmo ar de desafio, tendo na fisionomia um não sei quê de diabólico e perverso (Cruls, 1949, p. 113).

Essa é outra manifestação do duplo na narrativa, em que Elza vê pela primeira vez a outra refletida no espelho. A confrontação do ser com o duplo tem como consequência o desmascaramento moral e social do protagonista, ao expor, possivelmente, partes ocultas da subjetividade do sujeito, bem como suas fragilidades, medos, angústias etc.

Essas observações demonstram que a recusa que sentimos pelo que julgamos não semelhante é o que o Freud (2010) considera como a experiência do estranho decorrente da manifestação do outro que abrigamos dentro de nós — a face oculta da nossa identidade. A não aceitação desse outro seria a via real do sobrenatural, do sentimento de algo fantástico e inexplicável, uma vez que o duplo insiste na igualdade e na diferença ao mesmo tempo.

A partir disso, Elza se questiona: “Como ela poderia deixar Helena viver?”. Isso não poderia acontecer, pois, para Helena viver, Elza teria que morrer, uma vez que uma não poderia viver sem a outra, já que ambas habitavam o mesmo corpo. O duplo é retratado aqui por meio de um conflito entre personagens rivais e por um conflito interno em que se desdobra a personagem.

Alguns dias passaram-se, e veio a ideia diabólica na cabeça de Alexandre, dominado pelo desejo de ter Helena ao seu lado, que iniciou o ritual que consistia em aplicar injeções diárias de morfina em Elza para trazer Helena à vida:

Contudo, não lhe notei qualquer mudança, nem mesmo por ação do sedol, até que uma hora depois nos reunimos à mesa, para jantar. Apenas, já ao café, e quando eu acendia um cigarro, Elza tomou-me a carteira das mãos e interpeleu-me algo contrafeita (Cruls, 1949, p. 116).

Helena, finalmente, estava diante de Alexandre e o advertiu que “a não tomasse por uma *doença* de Elza, um desvario do seu cérebro, uma dissociação da sua consciência, mas como uma criatura real e perfeita, possuidora de um *eu* próprio, e que, em absoluto, não se podia confundir com a outra” (Cruls, 1949, p. 119, grifo nosso). Convém lembrar que Helena se apresenta em diversos momentos, no romance, como uma prisioneira do corpo da outra, como um fantasma, ou um ser não condizente com a realidade vivida por Elza.

A sedação da consciência de Elza tornava viável o aparecimento de Helena, utilizando-se de drogas, como a morfina, que enfraquecia as defesas dela para que Helena reaparecesse. Fantasticamente, ela assinala a sua presença quando Elza desaparece, sendo esse desaparecimento explicado quando Elza retorna para anunciar o cansaço que faz a outra ressurgir nos momentos em que ela repousa ou é sedada pelas injeções aplicadas por Alexandre.

O imaginário do duplo enseja a liberação de medos e angústias reprimidos, dá vazão a sonhos de habitar espaços e tempos fantásticos, escapando à rotina sufocante do cotidiano. Enfim, é na alteridade, segundo Mello (2000), revelada nas diferentes situações, que o Eu descobre faces inusitadas de si. Nesse sentido, a criação do duplo – ou a duplicação do real – seria, pois, uma forma de escapar dessa realidade insuportável, funcionando, assim, como uma espécie de proteção.

Na conversa com Alexandre, Helena revelou que chorou diante do retrato de Mário, pois ele era a sua única esperança de deixar a fazenda, e que se revoltava com a ideia de sua existência continuar na dependência do mau estado de saúde de Elza, que acontecia cada vez menos, tornando-se impossível qualquer tentativa para dominar-lhe a personalidade. Alexandre, por sua vez, relatou-lhe que ela só estava viva porque ele queria conhecê-la e fez uma injeção de sedol em Elza em vez do soro nevrostênico. Helena voltou a pedir a Alexandre que não a deixasse morrer e que dali em diante fizesse tudo o que fosse possível para ela viver, “não como tinha vivido até então, sempre num segundo plano e recalcada à maneira de um subconsciente de Elza, mas como vivia agora, em pleno gozo de todas as faculdades e podendo exteriorizar a sua vontade” (Cruls, 1949, p. 129).

Alexandre já não suportava mais as queixas de alucinação visual de Elza sobre o espectro de Mário e já não mirava mais o espelho sem que ele estivesse presente, pois tinha medo de que transparecesse sob os seus traços a imagem da outra. O duplo provoca, como vimos, reações emocionais extremas, em

geral pautadas no medo do outro, no estranhamento inevitável e na angústia de ver sua personalidade usurpada, de não se reconhecer como um ser autêntico e independente, capaz de assumir todo o controle sobre si mesmo. Essa inquietação é provocada pela irrupção do sobrenatural no real.

Na segunda aparição de Helena, ela já demonstrava ser mais amável com Alexandre, uma vez que, sem a interferência dele, continuaria no subconsciente de Elza, e, assim, ele pôde perceber,

[...] na plenitude dos seus atrativos, a criatura perturbadoramente bela, feita só para o amor e os prazeres da vida, sedenta de gozos e emoções, estuante de mocidade e alegria, tal como devera ter-se revelado a Mário, comburida na chama de mil desejos, ardendo lascívia, tentadora, vampirizante, irresistível... (Cruls, 1949, p. 142).

E, assim, relevou-se um traço indesejado na personalidade da protagonista, o desejo sexual exacerbado.

Alexandre, sem escrúpulos, passara a ministrar novas injeções de morfina, de seis em seis horas, em Elza a fim de que não houvesse a menor possibilidade de seu reaparecimento, reconhecendo a sua responsabilidade na intoxicação de Elza, que definhava cada dia mais:

Não se pense que, assim procedendo, eu agia sem remorsos. Como já fiz sentir, quando relutava em prometer a Helena o que terminei praticando depois, assistia-me a responsabilidade integral dessa intoxicação, a que submetia, e da qual mais cedo ou mais tarde, ela acabaria sofrendo as consequências (Cruls, 1949, p. 142).

Dessa feita, Elza sentiu uma aflição, algo desconhecido, que nunca havia sentido e de repente viu a outra, com o mesmo olhar e o mesmo sorriso de quando a vira pela primeira vez tomar suas feições no espelho, revelando, assim, a cisão dos corpos:

Então a imagem de Helena surgiu nítida e perfeita, materializada em todos os seus contornos, mas, por aí, já ela estava como morta, inteiramente inerte, e só com olhos para vê-la. Em compensação, quando o seu duplo se foi esvaecendo, tal como uma boneca de cera que se derretesse lentamente ao fogo, voltou a recuperar gradativamente o ânimo e era como se lhe injetassem novo sangue nas veias (Cruls, 1949, p. 152).

Nesse sentido, o duplo psíquico provoca a cisão das duas mulheres, com gostos e preferências bem distintos. O sobrenatural impresso no romance, em que o duplo aparece como elemento principal, facilita a sua associação imediata com o fantástico. A esse respeito, Guiomar (1967, p. 415-416) ratifica que

Este novo aspecto do Duplo é claramente diferente do anterior por seu caráter não alucinatório. Não é mais uma projeção patológica da testemunha na frente de si mesma, ele não é mais um *doppelgänger* fisicamente semelhante. Ele permanece um Duplo na medida em que seus passos, seu papel, seu caráter são, ao contrário, análogos aos de um personagem de referência. Muitas vezes é múltiplo, com vários seres dobrando a testemunha principal. Ele ainda é um Duplo, pois tende para o aspecto físico em certos momentos cruciais do trabalho. Pode-se até especificar, uma observação importante para o estudo do Duplo em si, que esse duplo psíquico fornece de certa forma o substrato obrigatório e permanente do qual surge o duplo patológico e físico. [...] alguns duplos, [...] não aparecem “corporalmente, mas sim em uma forma espiritualizada”.

Desse modo, Alexandre viu-se ora consolando uma, ora desculpando-se com a outra, partilhando de seus sofrimentos, compadecido de suas súplicas, pois as duas lutavam pela própria vida. Ele, assim, destacou a personalidade bem demarcada de ambas, comparando-as e revelando sua duplicidade moral:

Elza era todo um passado de dias amáveis e felicidade terna, lio de sentimentos brandos a congraçarem dois entes que se estimam, corações unidos por uma bemquerença recíproca, ideal da mocidade transsubstanciado num amor feito de graça e recato... Helena era o deslumbramento da hora presente, realidade vivida num sonho maravilhoso, miragem ofuscante trazida ao ramerrão da hora que passa; e a febre dos sentidos, e a ardência da carne, e o brasume dos anseios, tudo a crepitar no fogo vivo da luxúria e pronto aos arroubos supremos dos corpos que se agarram e estorcegam, das bocas que se beijam e entredevoram... (Cruls, 1949, p. 156).

Diante dessa indecisão de Alexandre, a narrativa se desenvolve entre a dupla habitada pelo mesmo corpo da mulher desejada: o delírio amoroso e o desejo de ser livre de Helena, a graça e a jovialidade de Elza e a dubiedade de Alexandre, que terá de escolher uma delas. Desse modo, os três personagens que compõem a trama tornam-se agentes de uma intriga que terá um desfecho inesperado.

Elza, expiada por Alexandre, desconfiou de que ele estivesse injetando morfina nela em vez de soro para trazer Helena à vida. Helena, então, teve a ideia de utilizar a boneca confeccionada por Elza que ela chamava de *melindrosa* na prática dos *envoûtements*, que era um ritual de magia antiga, quando se queria vingança ou causar dano a alguém, algo semelhante ao despacho da nossa feitiçaria, e todos os maus-tratos praticados na boneca repercutiriam no corpo do inimigo visado, que fatalmente morreria de uma doença. Desse modo, a boneca seria o objeto que representaria o duplo de Elza/Helena.

A partir daí, a trama é construída como um acontecimento preparado por Helena e executado por Alexandre. Essa boneca aparece como um recurso apresentado por Helena para garantir a sua aparição diante da perda de consciência de Elza. Nesse momento, Alexandre é incitado a tomar uma decisão a partir da proposta de Helena, cujo desfecho resultará em uma resolução inexplicável, pois eliminar Helena é matar o desejo, ao passo que eliminar Elza implica perder Helena, residindo aí o conflito.

Alexandre hesitou por um momento em acreditar que essa prática dos *envoûtements* funcionaria a distância, mas, desesperado pela ausência de Helena, lembrou-se da boneca e fez-lhe as injeções conforme a aconselhara, mas ela já não podia mais ser de Alexandre, uma vez que a menor satisfação sexual, que lhe quebrantasse o ânimo, animava a individualidade de Elza, e, assim, Helena passou a temer as carícias de Alexandre, que fora condenado a não ter mais Helena em seus braços e passou a ter alucinações.

Depois disso, Helena passou a não mais insistir, e, tal como surgira, sua imagem desaparecera, esfumando-se aos olhos de Alexandre, que, irritado, passou a crivar repetidas vezes o peito da boneca com a ponta da agulha. No dia seguinte, deparou-se com a cena de Elza morta na cama com a camisa cheia de sangue, e em seu peito pequeninos ferimentos, iguais àqueles praticados sobre o corpo da boneca e que também deveriam ter sido feitos por um instrumento fino e agudo.

Elza e Helena ilustra como a duplicidade pode ter consequências funestas e termina de maneira ambígua, em suspenso, sem que saibamos ao certo o que ocorreu com Elza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Elza e Helena*, existe uma reflexão fantástica de um sujeito que reclama o direito ao corpo da outra. Helena luta contra o aprisionamento do corpo, forçando Alexandre a utilizar o artifício da magia por meio da ritualização de sessões de sedação com práticas sobrenaturais na boneca que será perfurada para eliminação do ego da outra. Contudo, se o ego de Elza for eliminado, o desejo de Helena também desaparecerá. Assim, a característica fantástica da trama reside na coexistência das duas que impede o desaparecimento de Elza como a condição de realização do desejo de Helena. Alinhando magia, feitiçaria e indecisão, Alexandre acaba desvelando sua dubiedade ao saber de quem ele gosta mais.

A vontade obstinada de Alexandre em querer Helena o conduziu ao desfecho trágico, pois uma não poderia coexistir sem a outra. Helena impõe a Alexandre a prova de seu desejo no reconhecimento de sua existência que acarreta consequências irreversíveis, provocando um dilema ético no protagonista ao hesitar entre o desejo de Helena e a corporeidade do ego de Elza, pois eliminar Helena é matar o desejo, porém eliminar Elza implica perder Helena.

Alexandre não morre no fim. A consciência da própria culpa se configurou na visão da verdade, que o levou à insanidade, acabando seus dias em um manicômio. Isso exemplifica o estado alterado de consciência de Alexandre, entre a realidade e a fantasia, como acrescenta Ponnau (1997, p. 44):

[...] o fato é que a loucura, objeto da ciência que é também reflexo dos preconceitos de seu tempo, constitui a base, meio científica, meio imaginária, de narrativas que encontram nas observações da psiquiatria um terreno fértil para a ficção fantástica.

O manicômio não apenas serve de destino para o protagonista, como também é o símbolo da produção de Cruls de maneira geral e da sua relação com a medicina. Formado na área, Gastão Cruls traz patologias como objetos de reflexão para seus textos ficcionais. No caso de *Elza e Helena*, Cruls aborda o tema de desordem de múltipla personalidade, alinhando-o ao gênero fantástico a fim de criar uma narrativa original de suspense psicológico em um momento que a psiquiatria moderna dava seus primeiros passos.

Elza e Helena é uma narrativa permeada pela incerteza, que é uma característica essencial de uma literatura fantástica, que irá suscitar no leitor

questionamentos mesmo depois do final da trama. Nesse sentido, Ponnau (1997, p. 38) diz que “a relação causal estabelecida entre loucura e fantasia permaneceu uma constante nos círculos literários e no mundo da ciência psiquiátrica”.

Configurations of the fantastic and the double in *Elza and Helena*, by Gastão Cruls

Abstract

The theme of the double is a recurring element in fantastic literature. It explores the idea of an “other self”, which can be a twin, a lookalike or even a supernatural manifestation of the protagonist’s personality, which provokes unpredictable emotional reactions, based on the fear of seeing his personality usurped, of not recognizing himself as an authentic and independent being, capable of taking full control over himself. In view of this, we will explore how the theme of the double plays a significant role in the construction of the narrative, which is intertwined with the mysterious, in different contexts of the novel *Elza and Helena*, by Gastão Cruls (1949).

Keywords

Fantastic. Double. Romance.

REFERÊNCIAS

BRAVO, N. F. Duplo. In: BRUNEL, P. (org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Editora UnB, 2000. p. 261-287.

CRULS, G. *Elza e Helena*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

FREUD, S. O inquietante (1919). In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil* (“O homem dos lobos”), *além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GUIOMAR, M. *Principes d’une esthétique de la mort*. Paris: Librairie José Corti, 1967.

MELLO, A. M. L de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. C. A. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

MELLO, A. M. L de. Duplo. In: BERND, Z. (org.). *Dicionários de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, Editora da Universidade, 2007. p. 229-234.

PONNAU, G. *La foile et la littérature fantastique*. Paris: PUF, 1997.

RANK, O. *O duplo: um estudo psicanalítico*. Tradução Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz *et al.* Porto Alegre: Dublinense, 2013.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.